



Evento: XXI Jornada de Extensão

## O PODER IMAGINÁRIO EM INSTITUIÇÕES DE TRABALHO<sup>1</sup>

### THE IMAGINARY POWER IN WORK INSTITUTIONS

**Bruna Rossato da Silva**<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Trabalho da disciplina de Seminário em Psicologia e Processos Organizacionais e do Trabalho I.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: [bruna.rossato@sou.unijui.ed.br](mailto:bruna.rossato@sou.unijui.ed.br)

#### RESUMO

O presente artigo pretende refletir, através do percurso inicial de estágio em Psicologia e processos organizacionais e do trabalho, o lugar imaginário de poder, ocupado por um superior dentro da instituição e quais os deslocamentos que este lugar de poder resulta para os outros funcionários. Alguns dos desdobramentos que revigoram da instituição e do que a constituem também será apresentado. Para tal estudo, se utilizará de pressupostos psicanalíticos, em especial, os trazidos por Jean Pierre Lebrun.

**Palavras-chave:** Poder. Imaginário. Psicanálise. Sofrimento.

#### INTRODUÇÃO

Dentro de uma instituição, transitam e se encontram sujeitos que constroem referências para a construção social e individual de suas vidas, isso significa dizer que as organizações de trabalho vão muito além de meras ocupações ou de um lugar de execução e sim, frutos de desejos, fantasias e emoções, carregadas dos fantasmas que cada um abriga e de suas vicissitudes. Durante o percurso inicial de estágio que é o eixo central deste artigo pude considerar alguns destes aspectos e refletir a respeito do lugar que ocupa cada peça deste ambiente, junto a teoria psicanalítica e o suporte de professores considera-se que a psicanálise pode ser de grande valia para compreender alguns dos pontos da vida institucional, pois com este suporte se coloca em questão inconsciente que reside na instituição e em cada membro que a compõem.

#### METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho qualitativo, descritivo e interpretativo com base literária. A partir disso é possível escrever e refletir sistematicamente em bases científicas o problema em questão. A pesquisa será de abordagem do ponto de vista técnico bibliográfica que, segundo



Gil (2002), reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### O PODER IMAGINÁRIO

Entretanto seguimos com um dos pontos do eixo de escuta no estágio que faz questão dentro do percurso institucional, a posição de poder dentro da instituição que se torna ponto central de sofrimento para aqueles que ocupam um outro lugar, para nos guiar seguimos com as contribuições de Lebrun (2009) trazendo o que de Lacan é útil a ele na abordagem destas questões, onde três palavras são postas " autoridade, poder e decisão" fazendo relação com o que o mesmo desenvolve como parte do ser falante, os conceitos de Real, Imaginário e Simbólico. Segue assim dizendo a respeito de cada um deles e a relação entre os mesmo, o simbólico que seria a autoridade, se ancora no reconhecimento de uma diferença de lugar, possuindo autoridade aquele a quem se reconhece que a partir do lugar que ocupa, o que diz não tem o mesmo valor que o que dizem aqueles que não ocupam esse lugar, por ser algo da simbolização ela tem por consequência lógica não estar somente do lado do poder Imaginário uma vez que ela se exerce cada vez que alguém ocupe um lugar simbolicamente reconhecido como diferente, isso implica que não depende da concordância do outro. O poder como já falado se liga ao imaginário, e seus efeitos são algo claro quando se fala em poder, aquele que tem o poder designa as vantagens que supõem aqueles que ocupam esse lugar, muito mais do que a efetividade de sua capacidade. Já a decisão por sua vez pertence ao real, o autor questiona que por vezes é útil se perguntar para além da questão da autoridade ou do poder, quem concretamente tomou a decisão.

Segundo o mesmo pensar esta questão através do matema  $\$, S_1 S_2, a$  é que a irreduzibilidade entre o mundo das palavras e o mundo das coisas, constitui o ser humano como ser falante onde estamos absorvidos em um mundo de palavras e por causa disso tivemos que renunciar ao imediatismo do mundo das coisas. Levados a consentir a perda e a constituição. E nesse matema apenas há dois lugares de onde falar o  $S_1$  aquele que fala do lugar de autoridade e o  $S_2$  no lugar de comandado, somente os dois e é impossível ocupá-lo simultaneamente, o sujeito embora passe sem parar de  $S_1$  a  $S_2$  estará sempre marcado pelo lugar que ocupa, pelo



fato de ter perdido a adequação com o mundo das coisas, cada um com suas vantagens e seus inconvenientes.

A patologia habitual da vida institucional pode residir, por exemplo, no fato de que aqueles que estão em posição de S1 não percebem que o lugar que ocupam nada mais é do que o efeito dessa perda inicial. A origem da existência de um lugar de mestre é resultado da entrada no mundo das palavras e então não justifica, a esse respeito, nenhuma coincidência. Portanto, quem ocupa o lugar de S1 obtém seu poder, no final das contas, do vazio, mas muitas vezes tende a camuflar a verdade desse dispositivo e se apresenta como se ele obtivesse seu poder de uma realidade plena! Além disso, espontaneamente, tudo se passa como se ele pensasse que isso não funciona como ele entende é porque quem ocupa o lugar de S2 não faz como ele manda, não executa seu comando ponto em outras palavras quem está na posição de chefe corre o risco de ser tomado por chefe sem perceber que essa posição só se mantém no semblante. Podemos dizer que o que caracteriza esse caso em foco é um sintoma de poder. (LEBRUN, 2009, p. 99)

Com esse breve apanhado de Lebrun, pode-se fazer um paralelo ao que foi vivenciado em estágio. O gestor (S1) da instituição acaba por se tomar deste Imaginário sobre o poder, isso o torna distante de quem ocupa o outro lugar, os funcionários (S2), o poder imaginário está em seu discurso institucional, onde a imposição do controle, medo e insegurança frente a essa imagem que ambos os lugares têm sobre esse gestor influencia diretamente no funcionamento da instituição e em seu clima organizacional. Durante a escuta dos funcionários muitas questões relacionadas ao medo, insegurança, desconforto com a presença e opinião do gestor, foram abordadas como questão de desconforto e somatizador de sofrimento no trabalho, esta posição de poder imaginário que o mesmo se atribui é também respondida pelos funcionários. Sobre isso Lebrun (2009) acrescenta que quem ocupa a posição de S1, que confere autoridade, não ocupa de S2 e vice e versa é esse o modo da qual o sujeito contemporâneo não se habitua facilmente por ter sido colocado na posição pela democracia de ter sua palavra a dizer isso muitas vezes o leva a pensar que deve ter controle sobre tudo e que a um abuso de ter que se submeter a quem ocupa um lugar de autoridade.

Pensando através destas colocações podemos nos questionar sobre o papel do Real nesta instituição onde a pessoa a frente da gestão é somente mais um cargo na empresa e que o Real se coloca na Presidência que tem o valor simbólico Real de decisões, já o imaginário institucional se vê preenchido por esta presença do gestor que simbolicamente ocupa o lugar de autoridade por estar entre a mediação de funcionários e presidência, ocupando o lugar central de tudo o que se passa na instituição.



Em suma, poderíamos concluir, afirmando que tal trabalho de supervisão institucional nos leva a considerar que "o coração de uma instituição não é sua cabeça!" Que, ao contrário, o que constitui a ossatura da vida institucional é esse corte entre os lugares de S1-S2, e não unicamente o S1, como pensam frequentemente aqueles que vêm ocupar a posição dele. (LEBRUN, 2009, p.108)

Esta passagem faz recordar uma fala do gestor, com convicção que nada seria mais importante que o seu papel de guiar ou gerenciar os que estão abaixo e apontar para os que estão acima o que seguir, sem conseguir compreender que a instituição e a vida organizacional se compõem por todos os membros. Com isso se questiona a autoridade exercida por este gestor que se confunde na cultura desta instituição. Lebrun (2009, p.111) “ Além disso, como vimos anteriormente, a autoridade não deve ser confundida com o poder. [...] autoridade que não implica em nenhum autoritarismo repousa, portanto, sobre o reconhecimento de uma diferença de lugares e de legitimidade para ocupar o lugar prevalente. ” Como já citado anteriormente o gestor se aliena ao poder imaginário de sua posição institucional, a questão que não podemos responder é o que psiquicamente este lugar imaginário que o confunde remete à sua história? Recordo de outra passagem no qual conta-me de quando entrou na instituição e que seu superior era a imagem que traz os funcionários de hoje sobre o seu lugar nesta gestão, percebo isso unindo fragmentos das escutas, que muito dele e de seu imaginário ainda mora em quem ocupa seu lugar hoje, o lugar imaginário de poder se repete.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se elaborar durante a escrita alguns apontamentos dentro da instituição. O poder imaginário é vivenciado e de referência inconsciente a todos, não somente ao sujeito em posição de gerência como todos os outros também se tomam deste sintoma, colocando o real em xeque, é sabido que está simbolização é exercida por um outro (presidência), e que o poder de decisão fica em suspenso, neste sujeito que ocupa o lugar simbólico de autoridade, por se posicionar como a ponte entre a presidência e os funcionários. Muitos questionamentos este estudo trouxe, o que simbolicamente esta posição de poder imaginário pode influenciar em sintomas dentro da instituição que vem a denunciar algo em sua estrutura , muitas hipóteses ficam abertas e especialmente a dualidade desta gestão que é algo que trás questionamentos, entre estas



hipóteses construídas o que ficou para trás é o que a escuta e análise da instituição não abrangeram, está escrita não inclui todas as questões, especialmente por que não carrega verdades absolutas e sim o que através da escuta algo se desperta.

Esta dualidade citada se coloca entre a exploração do sofrimento e o amparo que em alguns momentos se apresenta advindo desta gestão, na escrita anterior onde a instituição acaba se beneficiando da angústia e repressão para que o próprio funcionário acabe se vigiando e com isso propiciando algumas manifestações de sofrimento psíquico, onde o desejo do sujeito de cumprir a tarefa abre espaço para a ansiedade e angústia, algo produzido pela instituição, que remete ao que Bauman (1999) trás da ideia de pós-panóptico e de vigilância líquida para explicar a sociedade contemporânea, o qual considera que no pós-panóptico não há mais qualquer necessidade de um olhar centralizador para nos sentirmos vigiados. Não podemos mais ver claramente os pontos de vigilância. Somos controlados e vigiados a cada movimento. A disciplina se dá a partir da disposição do próprio ser em deixar-se vigiar é uma questão de segurança própria.

Muitas questões podem ser ampliadas dentro destas discussões propostas neste escrito, o encerro com a consciência de que algo nele está em falta, com as hipóteses a partir do estudo de Lebrun, permanece a dúvida a respeito do real que seria a presidência, colocando em questionamento se esta mesma não estaria no lugar do imaginário também, hipóteses, foi o proposto nesta escrita, o sofrimento que é produzido pela instituição é algo que permite pensar vastas questões de produção de sofrimento sobre o controle e a vigilância, que fazem com que o trabalhador pense e se confunda com o trabalho, a dualidade também é algo que fica em aberto, junto com questões que advém da subjetividade da gestora e de seu lugar dentro da instituição.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BAUMAN, Z. **Globalização as consequências humanas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** 1946, 4. Ed. São Paulo, Atlas, 2002.

LEBRUN, Jean-Pierre. **Clínica da Instituição**. O que a psicanálise contribui para a vida coletiva. Porto Alegre, 2009.